



## MULTIMODALIDADES DE LINGUAGENS E CAMINHOS PARA FUTUROS ESTUDOS

Amanda Micheletti Tavares<sup>1</sup>

Nicolas de Oliveira Santos<sup>2</sup>

Dr<sup>a</sup> Maria José Guerra (Orientadora)<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho visa apresentar as diferentes linguagens e a multimodalidade de signos, de acordo com os estudos da Semiologia saussuriana revista por Roland Barthes em “O rumor da língua”. Abordaremos a linguagem cinematográfica, como espaços de signos do cinema, e como esse sistema de signos provoca uma percepção erotizada e onírica. Comparamos também a linguagem do cinema com a linguagem televisiva, bem como iniciaremos um debate sobre as novas mídias digitais e como esse discurso multimodal se dá e quais suas implicações e respostas sobre o espectador. Analisaremos como as linguagens contemporâneas interferem na compreensão do público formando a diversidade dos discursos do mundo pós-moderno.

**Palavras-chave:** Semiologia; Signo; Linguagem.

### Introdução

Somos perpassados por diferentes discursos em diversas situações pelas quais somos submetidos. Tais aparições são proporcionadas por múltiplos veículos, configurando a multimodalidade dos signos.

Pensar as questões de multimodalidade de linguagem ao longo do desenvolvimento comunicativo e em como tais apontamentos e reflexões nos conduzem a diferentes caminhos e significações convencionadas, só é viável no alto do século XXI, graças aos avanços teóricos propostos por autores de diversas correntes teóricas, sendo que no presente artigo aplicamos sobre as proposições realizados por Roland Barthes ao longo de seu trabalho dentro dos

---

<sup>1</sup> Estudante de graduação em Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL).  
E-mail: [amanda\\_micheletti@hotmail.com](mailto:amanda_micheletti@hotmail.com)

<sup>2</sup> Estudante de graduação em Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina (UEL).  
E-mail: [nicolas\\_nicknos@hotmail.com](mailto:nicolas_nicknos@hotmail.com)

<sup>3</sup> Professora Doutora da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [majogue@uol.com.br](mailto:majogue@uol.com.br)



campos das ciências humanas, dos quais nos nortearmos e nos embasaremos pelo seu ponto de vista acerca dos estudos da Semiologia e dos Estudos da Linguagem.

Roland Barthes, múltiplo ao aventurar-se não somente nos estudos da Linguística, mas em todos os caminhos que perpassam essa ciência, foi um filho da guerra e, excepcionalmente, seu trabalho aponta e contextualiza uma sociedade que sofre o período pós-guerra e passa, a partir da década de 50, por um processo de transição comportamental e tecnológica, recorrentemente citados em sua obra.

Historicamente situados, os estudos barthesianos podem ser contextualizados por certos fatos cruciais referentes a essa década, em que o meio técnico-científico passar a exigir mais da ciência que anteriormente, aqui observado como um episódio exponencialmente notado no decorrer do tempo, para explicar e situar o homem em um novo contexto social. Dessa forma, podemos ressaltar o advento da Televisão e sua grande difusão entre as famílias da época, (conjuntura que será, posteriormente, aprofundada), bem como, ou tão grande quanto, o alarde acerca do Cinema, tratado por muitos como a década de ouro do gênero. A aparição da “Publicidade e Propaganda” no período dos anos de 1950 é, também, um fato salientado muitas vezes por ser o objeto de estudo teórico que trata dos estudos da significação.

Prioritariamente, a respeito de tais estudos da significação, ressaltam-se dois níveis primários, a dualidade em níveis de significação: a denotação e a conotação. Adotando o ponto de vista de Barthes sobre esses níveis, temos que a denotação configura uma percepção simples e superficial acerca dos signos, ao passo que à conotação é conferido um caráter mais subjetivo, sendo, portanto, perpassado por Mitologias, sistemas de códigos que conferem diferentes sentidos ao mesmo signo.

Assim, esse trabalho visa apresentar as diferentes linguagens e a multimodalidade de signos presentes nas abordagens da linguagem cinematográfica como espaços de signos do cinema e o processo de significação que este toma para causar determinadas percepções sobre o espectador, partindo do viés dos estudos da Semiologia saussuriana revista e radicalizada por Roland Barthes em “Elementos de semiologia” (1979) e “O rumor da língua” (1988).



Exporemos, também, uma linha comparativa entre a linguagem cinematográfica e a linguagem televisiva, visando abrir espaço para um debate sobre as novas mídias digitais, partindo do surgimento da Internet e seus veículos midiáticos, suas maneiras de construir e transmitir discursos e quais as implicações e respostas que ela proporciona ao espectador, analisando, a partir daí, como as linguagens contemporâneas interferem na compreensão do público e forma a diversidade de discursos do mundo pós-moderno.

### **Linguagem e Multimodalidade**

Assim que Saussure propõe a Linguística enquanto ciência, deixando de lado os aspectos da Gramática Comparada e o que considera como conceitos errôneos advindos de tal perspectiva de estudo, é estabelecido, mesmo que de forma um tanto difusa, o objeto da linguística, tratada por único e verdadeiro objeto da recém instaurada ciência, a língua.

Pensando nisso e lançando enfoque sobre a Semiologia, Saussure afirma que:

Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; [...] chamá-la-emos de Semiologia [...]. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto de fatos humanos. (SAUSSURE, 2012, p. 47-48)

Partindo dessa afirmação, Saussure aponta-nos que cabe ao linguista esclarecer a funcionalidade e o papel da língua dentro dos diversos fatos semiológicos, compreendidos nas variadas esferas sócio-históricas. Todavia, o autor ressalta um fato de extrema importância nesse panorama: “se, pela primeira vez, pudemos assinalar à Linguística um lugar entre as ciências foi porque a relacionamos com a Semiologia”, o que evidencia o objeto desse campo de estudo: qualquer sistema de signos, independentemente de seus limites, substâncias,



veículos, entre outros, de modo que, mesmo não constituindo uma linguagem propriamente dita, são, ao menos, observados enquanto sistemas de significação.

Barthes, em “Elementos de Semiologia”, experimentando, sensivelmente, seu momento histórico, postula a necessidade dos estudos semiológicos frente aos avanços das tecnologias da informação e das diferentes disciplinas, como a própria Linguística, e, apoiado no argumento da ampla presença das manifestações da linguagem humana nos diferentes códigos, questiona e repensa a proposição saussuriana sobre a ciência linguística ser parte da ciência geral dos signos:

Saussure [...] pensava que a Linguística era apenas uma parte da ciência geral dos signos. Ora, não é absolutamente certo que existam, na vida social de nosso tempo, outros sistemas de signos de certa amplitude, além da linguagem humana. (BARTHES, 1988, p.11)

Deste modo, Roland Barthes defende o pertencimento da Semiologia aos estudos da Linguística por notar a dificuldade de figurar significados aos signos de uso social e comunitário fora da linguagem, pois, sendo tais instâncias de cunho linguístico, recorrer a elas é, como o próprio autor enfatiza, fatalmente recorrer à língua, que categoriza, recorta e denomina, localizando a Semiologia, dentro dos estudos linguísticos, como a parte que se encarregaria das grandes unidades significantes do discurso.

Desenvolvendo, em cima dessas proposições, sua argumentação acerca dos estudos semiológicos, o Barthes discorre que o semiólogo, via de regra, se encontrará com a linguagem, porém não por um viés linguístico, com o rigor formal da língua, mas sim com as extensões do discurso, dos objetos que agora significam sobre a linguagem e nunca sem ela e nos quais se encontrarão diversas matérias como a narrativa, o artigo de imprensa, as matérias de ordem “falada”, e, especificamente observada neste trabalho, o Mito.

### **Da Semiologia ao Mito**

O Mito, para Aristóteles, é a explicação primária dos fenômenos que rodeiam o mundo, sendo por meio do discurso fabuloso, ilógico e sobrenatural que se buscava a



elucidação dos fatos, de modo que, para o filósofo grego, o Mito se daria dentro do plano das ações, “imitação ou composição de ações”, (COSTA, 2006).

Contudo, o universo é suficientemente sugestivo, ao passo que à linguagem é conferida a possibilidade de significar através da fala.

Barthes, influenciado pela Semiótica Conotativa de Hjelmslev, aponta que qualquer sistema de significação comporta um plano de expressão e um plano de conteúdo, assim a significação se dá na relação entre os dois planos (E x R x C) e que dentro dessa mesma equação pode haver uma outra, extensiva a ela e portando outro significado (E [E x R x C] x R x C).

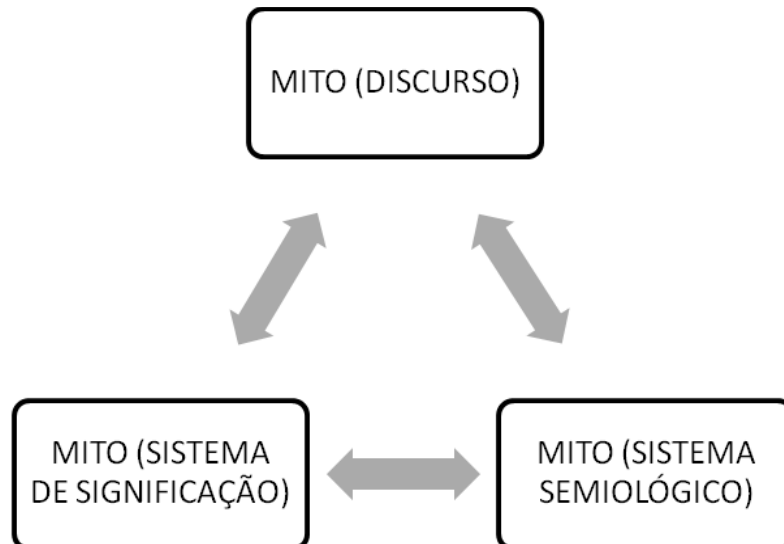
Segundo Hjelmslev (in BARTHES, 1979), o primeiro plano constitui o plano da Denotação, percepção simples e superficial, e o segundo plano configura o da Conotação, conferida à subjetividade e que vai além do vínculo direto que mantém com a realidade, sendo assim perpassadas por Mitologias.

Deste modo, Barthes contesta a ideia aristotélica de Mito, tratado, até então, enquanto Ação, para passar a tratá-lo como Discurso, enquanto forma de significação, visto que, segundo o autor, “o mito não se define pelo objeto da sua mensagem, mas pela maneira como a profere”, subvertendo, portanto, a Retórica Clássica por uma Retórica da Modernidade. A significação como maneira de enxergar o mundo.

Compreender o Mito enquanto Fala (Discurso) não se restringe ao campo da língua, desse modo a escrita e a imagem necessitam de diferentes consciências sobre tal, sendo esquemas mais abertos de significação que, bem como no âmbito da língua falada, a imagem, por meio de desenhos, do cinema, dos ambientes constituintes de um local, de todo texto que pode ser lido e possa ser atribuído valor de significação, tornam-se discurso do momento em que passam a ser significativas, e como apontado por Barthes, também necessita de uma *léxis*, compreendendo toda “síntese significativa” por discurso, fala, linguagem, etc.

Assim, o Mito barthesiano esculpe-se dentro de um sistema semiológico, pois recorrer a uma significação, extensiva a Linguística, é recorrer à Semiologia, devido ao seu valor de equivalência.

O esquema a seguir pode servir como elucidação deste parâmetro:



O mito, dentro de determinado sistema de signos, desenvolve-se então dentro do discurso, e, posterior a uma ideia denotativa, primária à atribuição de significados, segue-se a ideia conotativa do mesmo, secundária dentro do plano da expressão, e perpassadas por diferentes mitologias.

Dadas as contextualizações próprias aos termos, ainda procuramos, dentro dos estudos barthesianos, a aplicabilidade de tais situações em que as Mitologias estejam, de fato, perpassando o discurso.

### **A presença do mito nos discursos contemporâneos**

Seguindo esse recorte teórico e visando a aplicabilidade dos conceitos, focaremos nossos apontamentos no livro “O rumor da língua” (1988), especificamente no capítulo VII “Ao sair do cinema” (p. 345), no qual o autor trata da experiência cinematográfica e como a exposição a esse sistema de signos afeta a compreensão do público a respeito das unidades significativas desse discurso, ou seja, ele analisa as Mitologias que perpassam a linguagem cinematográfica.



No livro como um todo, Roland Barthes, apresenta como o homem se compõe por meio da linguagem, estando ele absolutamente mergulhado nela:

O homem não preexiste à linguagem, nem filogeneticamente nem ontogeneticamente. Jamais atingimos um estado em que o homem estivesse separado da linguagem, que elaboraria então para ‘expressar’ o que nele se passasse: é a linguagem que ensina a definição do homem, não o contrário. (BARTHES, 1988, p. 32)

Sendo assim, de acordo com o autor, a linguagem preexiste o homem e é por meio dela que nos relacionamos com tudo que nos cerca, é ela que direciona as nossas percepções sobre as diversas atividades humanas.

Partindo desses pressupostos e dos já abordados nesse trabalho no que diz respeito aos estudos da semiologia e suas mitologias, Barthes aponta, então, os vários comportamentos e percepções dos espectadores frente ao sistema de signos do cinema:

O escuro não é apenas a substância mesma do devaneio [...]; é também a cor de um erotismo difuso; pela sua condensação humana, pela sua ausência de mundanidade [...], pelo afundamento das posturas, a sala de cinema [...] é um lugar de disponibilidade [...], e é a disponibilidade [...], a ociosidade dos corpos, que define melhor o erotismo moderno, não o da publicidade ou dos strip-teases, mas o da cidade grande. (BARTHES, 1988, p.346)

Ou seja, as unidades significativas do cinema como um conjunto de signos, nos é apresentado pelo viés do erotismo, pois o ato de ir ao cinema já demonstraria, antes mesmo de entrar na sala, uma ociosidade, um disponibilidade, o que o autor chama de “condições clássicas da hipnose”, aliadas ao vazio e à inutilidade, e à fascinação que a tela de cinema, “lugar brilhante, imóvel e dançante”, promove. Todos os seus elementos enveredam por esse caminho, a sala de cinema é indiferente ao espectador, é anônimo e é em seu escuro que se trabalha a liberdade do corpo.

Todavia, tal voluptuosidade e tal erotismo extingue-se quando esses mesmos signos são transpostos para a televisão:

Evoquem a experiência contrária: na televisão, que também passa filmes, nenhuma fascinação; aí o escuro é abolido, o anonimato, rechaçado; o



espaço é familiar, articulado, montado; o erotismo, a erotização do lugar é excluída: pela televisão, ficamos condenados à Família, de que se tornou o instrumento doméstico, como foi outrora a lareira, munida do seu caldeirão comum. (BARTHES, 1988, p. 346-347)

O ambiente familiar é considerado castrador, não permite ao espectador nenhuma fascinação, pois o espaço é familiar, é articulado, ele conhece os objetos e os móveis, não é mais um lugar indiferente como a sala de cinema, como a tela de cinema, ou seja, por todos os lados, o espectador, pela televisão, está condenado à Família.

As relações das unidades significantes do cinema e da televisão podem ser assim expostas:

UNIDADES SIGNIFICANTES	
CINEMA	TELEVISÃO
Onírico	Linguagem de mercado
Voluptuoso	Familiar
Erótico	Deserotizada (castradora)

### **Futuros Estudos**

Apresentadas as concepções de Barthes no que tange as unidades significativas do cinema e da televisão, proporemos dois questionamentos cruciais sobre os estudos da multimodalidade de linguagem.

Baseando-se no desenvolvimento das mídias digitais, especificamente a “internet”, deve-se levar em consideração que tais mídias contemporâneas constroem seu discurso pautando-se em novas unidades de significação e são perpassadas, por fator histórico-social, por variadas mitologias, as quais são relativamente, como já salientado, mutáveis, adaptadas de acordo com o contexto.





Logo, como o mito é um discurso e todo discurso é determinado historicamente, o que seria a “internet”, seguindo a perspectiva de Roland Barthes? E, partindo desses conceitos e análises, como se daria e quais as novas percepções do público acerca desses discursos contemporâneos da linguagem eletrônica da “internet”? Ela estaria nos mesmos rumos das unidades significativas do cinema ou da televisão? Ou suas unidades significativas tenderiam a uma terceira concepção? Pensando nisso, é que as pesquisas continuarão a ser desenvolvidas, para, quiçá, chegar as percepções do público acerca das unidades significativas que permeiam as mitologias que perpassam a internet.

## Referências

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Cultrix: São Paulo, 1979.

\_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. Brasiliense: São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. **Mitologias**. Edições 70: Lisboa, 1984.

COSTA, Lígia Militz. **A poética de Aristóteles: mimese e verossimilhança**. Editora Ática: São Paulo, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Cultrix: São Paulo, 2012.